



LÍNGUA MATERNA E ESTRANGEIRA NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA: NOVOS DESAFIOS

Lisley Camargo Oberst (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Cristiane Carneiro Capristano (Orientador), e-mail: lisleyoberst@hotmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / PR.

Linguística, Letras e Artes; Línguas Estrangeiras Modernas

Palavras-chave: Língua Materna, Língua Estrangeira, Ortografia

Resumo:

A relação entre língua materna (LM) e estrangeira (LE) tem sido abordada em estudos como Revuz (1998) e Coracini (2007). Nesses trabalhos, defende-se a não simplicidade do contato e da inserção em uma LE e a existência de uma relação intrínseca desta com a LM do aprendiz. Nesta pesquisa, baseando-nos nessas teóricas e partindo da proposta de interpretação de erros ortográficos e das características da sílaba na escrita infantil apresentada por Chacon (2016), objetivamos analisar registros escritos de palavras em inglês, feitos por crianças do 2º ano do Ensino Fundamental I, falantes do PB, que tiveram pouco ou nenhum contato formal prévio com inglês. Especificamente, investigamos quais conflitos relativos à estrutura silábica são vividos por elas quando registram palavras em inglês. O corpus foi coletado por meio de uma proposta de produção textual baseada em história e músicas em inglês. Como principal resultado, observamos que as crianças buscam informações de diversas áreas do conhecimento prévio de sua própria LM pra registrar as palavras em inglês.

Introdução

O objetivo geral desta pesquisa é investigar como crianças na aquisição da escrita, falantes e escreventes do PB, com pouco ou nenhum contato com o inglês, registram o que elas imaginam serem palavras nessa LE. Esta pesquisa baseia-se em trabalhos que veem a relação entre LM e LE de uma perspectiva





discursiva, como os de Revuz (1998) e Coracini (2007). Nesses trabalhos, as autoras defendem uma relação estreita entre as línguas e uma inserção não simplória e/ou controlável na LE. Para as autoras, o sujeito que entra em contato com LE já é dotado de uma vasta discursividade advinda das experiências com a LM. Além desse arcabouço teórico, a análise foi feita a partir da interpretação da estrutura silábica feita por Chacon (2016) com base no trabalho de Selkirk (1982). Nossa proposta é entender melhor como se dá a relação LM e LE em produções textuais escritas em LE dessas crianças, especialmente quando elas registram palavras em inglês.

Materiais e métodos

O material desta pesquisa é parte das produções textuais coletadas durante o projeto de extensão “Introdução à Língua Inglesa: música para gente pequena”, desenvolvido por Lisley Camargo Oberst e Mayara Stéphanie Barbieri dos Santos sob a orientação da Prof^a. Dra. Cristiane Carneiro Capristano. As crianças que participaram das atividades possuíam pouco ou nenhum conhecimento prévio da língua inglesa. Para realização desta pesquisa, selecionamos uma das propostas que consistiu no registro de palavras em PB e em inglês ditadas por uma das pesquisadoras. Selecionamos sete palavras em inglês dessa proposta para compor nosso corpus: “arms” (60 registros); “hunter” (59 registros); “forest” (61 registros); “big” (59 registros); “wolf” (60 registros); “mother” (60 registros); e “red hood” (62 registros).

Resultados e Discussão

Observamos que as crianças percorreram caminhos variados para solucionar os desafios de registrar palavras em LE. Quando consideramos toda a palavra escrita pela criança, a maioria dos registros foi feita não convencionalmente – dos 421 registros, 399 (94,8%) foram não convencionais, enquanto 22 (5,2%) registros foram convencionais.

Nem todas as palavras tiveram registros convencionais, porém, para aquelas que tiveram registros de palavras inteiras convencionais, indicamos algumas motivações. Por um lado, supomos que as crianças possam ter buscado conhecimentos prévios da sua LM para solucionar os conflitos. Exemplos disso são as palavras “arms”, “forest”, “wolf”. Apesar das palavras serem formadas por sílabas complexas e cujas regras fonotáticas não coincidem com as do PB, os fonemas que preenchem cada posição silábica são conhecidos pelas crianças, mas em outras posições. Por isso, as crianças





podem ter escolhido os grafemas que, mesmo não ocorrendo com tal arranjo na ortografia do PB, seriam possíveis para representar os sons que ouviram. Por outro lado, outros registros de palavras inteiras convencionais como “mother” e “big” podem ter sido feitos através de um reconhecimento do estrangeiro no materno (CORACINI, 2007). A autora afirma que existem diversas situações em que nossa LM pode soar estranha para nós bem como a LE soar familiar. Isso pode ocorrer quando palavras de uma LE são incorporadas às nossas práticas sociais (orais e letradas). Por isso, os escreventes, mesmo sem contato institucionalizado com a LE, podem ter tido outros contatos com o inglês e buscado nessa área de sua memória discursiva os recursos para o registro da LE. Por exemplo, na cidade onde residem as crianças participantes, existe um supermercado com o nome “Big”. É provável que a maioria dos escreventes já tenha ido a esse lugar ou visto o registro escrito da palavra. Ao serem solicitadas a registrar a palavra em LE, as crianças podem ter feito referência ao nome do supermercado.

Já para os registros não convencionais, observamos uma grande variedade ortográfica. Apesar disso, foi possível identificar algumas regularidades. Uma delas é a tendência de acrescentar uma vogal não prevista ao final da palavra, transformando uma sílaba complexa em duas (ou mais) sílabas simples. Isso ocorreu no registro de todas as palavras com exceção de “hunter” e “mother”, como em “ormis”, “bygy”, “fowety”, “uedi rudi” e “uofi”. Esse tipo de registro pode ilustrar uma tentativa de aproximar uma estrutura de sílaba desconhecida a conhecimentos já existentes, que pode ocorrer por duas vias complementares: (a) tentativa de simplificação da sílaba, formando um padrão silábico mais comum no PB (CV); e (b) preenchimento das posições da sílaba segundo as regras fonotáticas do PB.

Observamos, também, uma tendência de as crianças tentarem representar na escrita os sons que ouviram durante o ditado de forma mais próxima às regularidades que conhecem das relações grafema/fonema no PB. Essa regularidade foi observada em todas as palavras. Por exemplo, para a palavra “mother”, o dígrafo TH representa um fonema desconhecido para as crianças (/ð/). Apesar disso, esse fonema tem algumas semelhanças fonológicas e articulatórias com outros fonemas do PB, como /d/. Acreditamos que as crianças tenham buscado o conhecimento que tinham de que /d/ é sempre representado por D em PB e escolheram fazer a representação por D.

Uma terceira regularidade que observamos em registros de todas as palavras em inglês é a representação de núcleos vocálicos com grafemas pouco ou não recorrentes no PB, como W e Y. Apesar de ser possível em



FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Ciência, Tecnologia
e Ensino Superior



PB, essas são possibilidades menos prováveis, uma vez que ocorrem em casos específicos, principalmente para marcar palavras estrangeiras que foram adaptadas para o PB. Por isso e por causa das práticas sociais orais e letradas dos escreventes, supomos que eles tenham associado um som que eles já conhecem com a uma representação possível deste som, porém menos comum em sua LM – buscando, assim, o estrangeiro no materno.

Conclusões

As análises confirmaram algumas das hipóteses que levantamos inicialmente. Primeiramente, observamos que, assim como postulou Coracini (2007), os escreventes, ao entrarem em contato com uma LE, levam para essa nova discursividade o conhecimento pré-existente advindo da LM. Em nossos dados, observamos, por exemplo, que as crianças buscam primeiramente as soluções mais comuns para situações semelhantes da escrita de sua LM. Por fim, apontamos que, mesmo quando as crianças tentam marcar na escrita o distanciamento entre sua LM e a LE, elas fazem, na maioria, de forma bastante regular, e não desordenada e/ou aleatoriamente.

Agradecimentos

Agradeço a todos os familiares, amigos, minha orientadora, Cristiane, e ao grupo de pesquisa Estudos sobre a Aquisição da Escrita, pelas muitas contribuições científicas e pessoais.

Referências

- CHACON, L. **Erros ortográficos e características da sílaba na escrita infantil** (no prelo), 2016.
- CORACINI, Maria José. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução.** Mercado de Letras, 2007.
- REVUZ, Christine. **A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio.** In: SIGNORINI, Inês. Língua(gem) e identidade. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 213-230.

